

Apoena: "Chega ao fim trabalho do sertanista"

ELIANA LUCENA

"Acho que o trabalho do sertanista chegou ao fim. São poucas as tribos indígenas ainda isoladas. Por isso, os sertanistas estão assumindo atividades administrativas, longe da vida na mata. Estamos chegando ao término de um ciclo.



Para o índio, o ideal seria que o País tivesse parado de crescer há 20 anos." A afirmação é do atual superintendente da Funai, Apoena Meirelles, (foto), que está agora empenhado em descentralizar a Funai e reverter a relação de "clientelismo" que existe hoje entre os índios e o órgão tutor. "A Funai de hoje não pode ser administrada nem pelo marechal Rondon nem por Jesus Cristo", afirma o sertanista, que critica as últimas administrações do órgão. Para ele, esses dirigentes da Funai, que promoveram o retorno de indígenas e antropólogos no final do governo Figueiredo fracassaram. "Jurandir Marcos da Fonseca, autor dessa abertura, feita no rastro da campanha política do ex-ministro Mário Andreazza, foi o maior blefe da história do indigenismo" — afirmou.

Aos 36 anos de idade, Apoena, filho do sertanista Francisco Meirelles, tem uma visão crítica dos antagonismos que fragmentam, cada vez mais, o movimento indígena e dos indigenistas: "No período 1970/72 desencadeou-se um processo de contestação política à Funai, na época marcada pelos reflexos do programa de integração da Amazônia, desencadeada pelo governo Médici. Essa contestação foi liderada por mim, sertanistas como Antônio Cotrim, Valter Sanches e outros. Muitas pessoas que hoje nos atacam na época trabalhavam assessorando o general Bandeira de Mello, presidente da Funai. Acho que durante o tempo duro de repressão, em que não havia liberdade de imprensa, o índio funcionou como válvula de escape para indigenistas e para a imprensa, que estava impedida de publicar quase tudo que se passava no País".

Esta situação de repressão — que marcou muito a Funai, que até o ano passado foi dirigida por generais e coronéis — fazia com que o movimento indigenista fosse marcado pelo romantismo e por uma aparente união. "A roupa suja, como se diz popularmente — afirma Apoena — era lavada em casa, pois existia um inimigo maior. Com o processo de abertura política, começou a surgir a luta pelo poder e o indigenismo foi-se fracionando. Hoje em dia, nem na abordagem das questões menos polémicas é possível se chegar a um consenso no meio indigenista."

Apoena compara as divergências no meio indigenista à mesma situação vivida pelas esquerdas no País. "Nos dois movimentos — assinala — não se chega nunca a uma unidade, a uma composição." Ele é cáustico quando analisa a posição das pessoas engajadas nos movimentos de apoio aos índios: "Acho que a defesa do índio sempre colocou as pessoas numa posição muito cômoda, diz ele. Você vê que mesmo na época mais dura da repressão no País, ninguém foi enquadrado na lei de segurança nacional por ter defendido índio". Apoena acredita que a questão indígena não pode ser dissociada dos demais problemas econômicos e políticos vividos pelo País. "Eu já fiz despejo de famílias de colonos que viviam em áreas indígenas em Rondônia tão miseráveis que muitos estavam morrendo por falta de remédio contra a malária. A Funai tem falhas, mas, querendo ou não, ela dá assistência ao índio, que também é protegido por uma legislação específica." Ele acha que as correntes que divergem do seu trabalho só querem resolver o problema do índio, esquecendo-se das demais injunções.

Apoena afirma que na Funai sempre procurou assumir uma postura de independência: "Por este motivo fui afastado da Funai pelo ex-presidente Bandeira de Mello. Também entrei em choque com o general Ismarth Araújo Oliveira, durante o governo Geisel e com o coronel Paulo Moreira Leal, no governo passado. Agora assumi, a pedido do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, este cargo, mas encaro a situação atual vivida pela Funai com pessimismo. Com a atual estrutura da Funai, nem Alvaro Villas-Boas nem eu conseguimos resolver o problema do índio. A Funai deve ser descentralizada e o ministro Costa Couto já reconheceu essa necessidade. Temos em Brasília 400 funcionários e as delegacias regionais não contam com qualquer autonomia".

Sertanista defende a criação de diretorias regionais que seriam as executoras da política indigenista. Em Brasília, ficaram o presidente da Funai, os órgãos de assessoramento e o Conselho Indigenista, que passaria a ter uma função mais ativa não se limitando a referendar os atos assumidos pela direção do órgão. "O presidente da Funai e os demais dirigentes, hoje, são procurados por índios em Brasília para resolver problemas que seriam facilmente equacionados nas áreas onde vivem. "Sou procurado para conseguir receita para óculos", disse Apoena. "Quando reclamamos que os índios estão vindo em massa para Brasília, é preciso lembrar que os delegados regionais precisam pedir autorização da sede até para remover um índio doente da aldeia para cidade."

Demissões

Sobre as várias demissões assinadas por Villas-Boas, afastando da Funai antropólogos e indigenistas, Apoena afirma que todos eles exerciam funções de confiança desde a administração de Jurandir Marcos da Fonseca, no governo passado. "Essas pessoas tiveram a oportunidade de resolver os problemas da Funai a seu modo, porque tanto Jurandir como também Nelson Marabuto, que o sucedeu, faziam tudo o que esses funcionários queriam. Eles não conseguiram resolver os problemas da Funai. Agora é a vez da administração Alvaro Villas-Boas e ele tem todo o direito de trabalhar com uma equipe de sua confiança."

Apoena afirma que considera saudável o choque e a discordância de idéias. "Agora, a partir do ponto em que essas pessoas passam a atacar publicamente os dirigentes do órgão onde trabalham, correm o risco de serem afastadas. Eu ataquei diretamente a administração de Jurandir Marcos da Fonseca e acabei saindo da Funai. As pessoas tinham todo o direito de me afastar. Para mim, Jurandir foi o maior blefe na história do indigenismo e, no entanto, contou até com o apoio da imprensa quando assumiu. Ele nunca me enganou e os fatos posteriores comprovaram isto." Apoena prefere não responder por que Jurandir e a equipe que conduziu à Funai — que estava afastada do órgão desde a administração Nobre da Veiga, no começo do governo Figueiredo — não conseguiu equacionar os problemas da fundação: "Isso deve ser perguntado a eles", diz o sertanista. Jurandir queria fazer política, e por isso promoveu a "abertura política" da Funai".

O sucessor de Fonseca, o ex-diretor da Polícia Federal de Brasília, Nelson Marabuto — que manteve a mesma equipe de Jurandir — segundo o sertanista, também não contribuiu para diminuir a crise na Funai. "Marabuto criou duas delegacias, uma em Salvador e outra no Acre, que não tinham sequer sustentação orçamentária. Este tipo de medida mostra que o presidente estava mal assessorado". Apoena acha que, além de todos os problemas, a questão indígena nunca foi bem equacionada porque nunca houve uma decisão política a nível de governo nesse sentido, situação que agora sofreu uma reversão, segundo acredita.

Apoena não aceita ser enquadrado no grupo que defende uma política paternalista para o índio: "Acho que o índio deve participar cada vez mais da administração da Funai" — diz ele. "O que é preciso evitar são as divergências internas para evitar o fracionamento do movimento indígena, causado muitas vezes pela vaidade".

A questão da tutela exercida pelo governo, para Apoena, "é um campo muito perigoso de discussão". Quando terminaria esta tutela? Como ficarão as terras indígenas que pertencem à União com o fim da tutela? Ele acha que o índio "ainda vai percorrer um longo caminho" até chegar a este ponto e que, em função dos graus diferenciados de aculturação, cada grupo terá uma trajetória específica. "No futuro — afirmou —, acredito que os índios sobreviverão como etnia, mas aos poucos vão incorporar-se ao processo de participação dos meios de produção. Quando este momento chegar, não será mais necessária a presença da Funai nos postos indígenas. Ela continuará dando apoio, no campo jurídico, por exemplo, mas será o próprio índio a conduzir seu destino".

Mesmo hoje o quadro já mudou muito. "Pertencem à última geração de sertanistas. Não há mais espaço para o tipo de trabalho que fazíamos. Acabou a época do romantismo no indigenismo. Em breve, os índios não vão mais precisar de porta-vozes, como os sertanistas, antropólogos e indigenistas. O índio já está falando por si e se preparando para não mais aceitar a tutela do Estado", concluiu Apoena. (Ag. Estado/Brasília)